

UMA SEPARAÇÃO de Asghar Farhadi _26 de Abril de 2012

sinopse Nader (Peyman Moaadi) e Simin (Leila Hatami) há muito que sonham em emigrar, de maneira a proporcionarem melhores oportunidades a Terme, a filha de 11 anos. Quando a ocasião surge, ele decide abandonar os planos para poder continuar perto do seu pai (Ali Asghar-Shahbazi), que se tornou totalmente dependente devido à progressão da doença de Alzheimer. Simin, porém, determinada a tudo pela filha, resolve optar pelo divórcio e partir sem ele. É então que Nader contrata Razieh (Sareh Bayat), uma jovem de um bairro pobre que, na companhia da sua filha pequena, se compromete a cuidar do idoso. Mas, no dia em que chega a casa do trabalho e encontra o pai desacompanhado, sem os cuidados da empregada, a fúria tomará conta de Nader que, sem querer ouvir as explicações de Razieh, acabará por cometer um erro com consequências devastadoras.

Quinta longa-metragem do iraniano Asghar Farhadi, o filme foi o grande vencedor da 61.^a edição do Festival de Berlim, arrecadando o Urso de Ouro para melhor filme e os Ursos de Prata para melhores actriz e actor.

ficha técnica

Título original: Jodaeiye Nader az Simin (Irão, 2011, 123 min.)

Realização e Argumento: Asghar Farhadi

Interpretação: Leila Hatami, Peyman Moaadi, Shahab Hosseini, Sareh Bayat

Produção: Negar Eskandarfar, Asghar Farhadi

Musica: Sattar Oraki

Fotografia: Mahmoud Kalari

Montagem: Hayedeh Safiyari

Estreia: 15 de Dezembro de 2011

Distribuição: Alambique

Classificação: M/12



Um melodrama que chega do Irão

João Lopes, Cinemax

Depois de Kiarostami ou Panahi, mais um nome vindo do cinema iraniano: Asghar Farhadi. O seu filme "Uma Separação" é um brilhante retrato conjugal e ganhou o prémio máximo do Festival de Berlim de 2011.

Reparem na fotografia [protagonistas do filme]: ela chama-se Leila Hatami; ele é Peyman Moaadi. Não parece possível que, em geral, os meios de comunicação façam manchetes com os seus nomes. E, no entanto, ambos foram premiados (melhor actriz + melhor actor) no Festival de Berlim de 2011. Mais do que isso: o filme que protagonizam, "Uma Separação", de Asghar Farhadi, arrebatou o Urso de Ouro, o prémio máximo desse certame.

Esta distância em que vivemos face a muitas coisas (filmes e não só...) que, afinal, estão disponíveis diz bem da dificuldade de atentarmos nos outros e nas suas diferenças. E também na sua singular proximidade. "Uma Separação" é um filme que nos ajuda a ver/pensar isso mesmo. Que é como quem diz: uma crónica íntima de um processo de divórcio, com todas as marcas da sociedade iraniana e, ao mesmo tempo, com um poder universal de comunicação que lhe confere uma vibrante emoção.

O que está em cena é, afinal, um clássico melodrama. A saber: marido e mulher tentam superar a sua relação à beira da ruptura e a única via possível parece ser mesmo o divórcio. Farhadi filma os seus notabilíssimos actores com uma atenção metódica que nos faz perceber uma inevitável duplicidade: a que se estabelece entre os conflitos específicos do espaço conjugal e a necessidade (ou a preocupação) de manter para o exterior uma determinada imagem do próprio universo familiar.

Autores como Abbas Kiarostami, Jafar Panahi ou Mohsen Makhmalbaf já nos tinham permitido compreender que há, no Irão, uma admirável energia criativa, capaz de gerar um cinema colado às complexidades da vida social, aos seus conflitos e também aos seus silêncios. Asghar Farhadi é mais um nome a acrescentar a essa lista: um cineasta que conhece o valor do realismo, mas que sabe também gerir as subtilezas do drama.

O efeito borboleta

Jorge Mourinha, 15 de Dezembro de 2011

Filme de primeira água sobre um divórcio que descamba para um conflito judicial, “Uma Separação” não é “Kramer contra Kramer” em Teerão - mas é um filme que tem conquistado o Ocidente por todas as razões certas

É um dos “casos do ano”. Podia sê-lo por todas as razões erradas (já lá vamos), felizmente não: Urso de Ouro e prémios de Melhor Actor e Melhor Actriz para o conjunto do elenco em Berlim 2011, um milhão de espectadores em França, candidato oficial à nomeação ao Óscar de Melhor Filme Estrangeiro, “melhor filme estrangeiro do ano” para os críticos de cinema nova-iorquinos e para a National Board of Review americano, aclamação crítica e sucesso público um pouco por onde tem estreado.

O êxito de “Uma Separação” podia ser indissociável da origem iraniana do filme de Asghar Farhadi; não é certo que lhe seja inteiramente alheio, mas a verdade é que este não é o “filme iraniano do costume”, e por difícil que seja vê-lo sem levar em conta a sua nacionalidade, a verdade é que o seu sucesso não se deve apenas à boa consciência ocidental. É que “Uma Separação” é realmente um grande filme, que lida, muito simplesmente, com a verdade, a partir do momento em que um acontecimento aparentemente anódino - um pedido de divórcio - despoleta um efeito-borboleta de consequências imprevisíveis.

Simin sai de casa porque Nader não lhe dá o divórcio; este precisa que alguém tome conta do seu pai, que sofre de Alzheimer, enquanto trabalha, e contrata Razieh, cujo marido está desempregado; quando regressa a casa um dia, Nader dá pelo pai amarrado à cama à beira da morte, sem sinal de Razieh; quando esta aparece, Nader empurra-a para fora de casa, ela cai nas escadas e vai parar ao hospital; Hojjat, marido de Razieh, leva Nader a tribunal como responsável do aborto que a mulher sofreu; este por seu lado processa Razieh por ter deixado o pai sozinho em casa.

Segue-se um fascinante jogo de espelhos que reflecte toda uma série de questões centrais da vida moderna: a classe média urbana e confortável de Nader e Simin contra a classe operária pobre e suburbana de Hojjat e Razieh, agnosticismo contra religião, orgulho contra pragmatismo, justiça contra injustiça - e tudo isto explica muito bem porque é que “Uma Separação” tem ressoado mundialmente. Não estamos longe de um “Magnolia”, de um “Babel”, de um “Crash” no modo como o filme de Asghar Farhadi recusa eleger um herói para se mover por entre um elenco

de conjunto onde não há heróis nem vilões, como utiliza a mecânica narrativa do acaso e da coincidência.

A diferença de um Iñárritu ou de um Haggis está em que Farhadi não nos diz nunca o que devemos pensar nem sentir, recusa terminantemente toda e qualquer manipulação gratuita, sabe que basta confiar na força da situação e na entrega dos actores para gerar o suspense e a emoção. Longe de ser um filme que se deleita na sua importância moral, deixa ao espectador a abertura para tirar as suas próprias reflexões; é um cinema que não está ao serviço de nada a não ser da história que quer contar.



“Uma Separação” reflecte as contradições e a complexidade do mundo em que vivemos, ao ponto da sua nacionalidade deixar de ser significativa, mesmo que seja impossível olhar para ele sem sermos recordados dos problemas específicos da República Islâmica; não faz parte da estética autoral da maior parte do cinema iraniano que é divulgado mundialmente, não se refugia em meditações oblíquas e ensaios audiovisuais. É verdade que as questões todas que aqui se abordam também se jogam no tabuleiro de uma sociedade presa entre a espada e a parede, reflectindo de modo agudo as tensões subjacentes ao Irão moderno - mas este é um filme que sabe que só falando do pessoal conseguimos chegar ao universal. É por isso, também, que é bom perceber que o seu triunfo não se limita a ser um caso manifesto de condescendência de boa consciência ocidental. Nada disso: “Uma Separação” é um filme de primeiríssima água que calhou ser iraniano.

Cenas da angústia das classes no Irão _ Entrevista ao realizador

15.12.2011 - Vasco Câmara, em Paris

A crónica de uma separação é um comboio em andamento sacudido para outra linha quando um casal da classe média iraniana entra em confronto com um par do operariado. O inferno é o desconhecimento dos outros. E “Uma Separação”, de Asghar Farhadi, traz-nos imagens de uma sociedade que desconhecemos

Há dez anos, entrámos num carrocel em andamento com uma história que já tinha começado antes de entrarmos nela e que não era travada pelo genérico final. Para o espectador sobra ansiedade perante o que parece imparável. Chamou-se "O Círculo", era realizado por Jafar Panahi. Nunca tínhamos visto numa ficção cinematográfica uma cidade iraniana assim, tão aberta (aos olhares exteriores), tão devassada pelo cinema e simultaneamente tão tumular para as personagens, um grupo de mulheres das margens da sociedade.

Uma das coisas que começamos por dizer a Asghar Farhadi é que o seu filme, "Uma Separação", partilha desse carrocel - não é uma primeira vez, portanto, até porque o suplemento de angústia, perante o dilema de personagens de crianças ou de adultos, faz parte de uma cartilha de crueldade do cinema iraniano. Mas há uma experiência que pode ser uma estreia para um ocidental: por exemplo, ver uma mulher, classe média, explicitar - logo a abrir o filme - que quer sair do país, que não é no Irão que quer educar a filha.

"Também não lhe posso dizer se isto é inédito no nosso cinema, também não vi todos os filmes iranianos. Em todo o caso a personagem é alguém que diz as coisas de forma explícita e clara.

Ela representa, segundo penso, um dos dilemas mais problemáticos da classe média no Irão. Penso que o Irão é um dos países com mais emigrantes", diz Asghar Farhadi, 39 anos, cinco longas-metragens, experiência como argumentista e realizador em televisão. "Classe média" é palavra chave no seu cinema.

A intenção de Simin de abandonar o Irão não é partilhada pelo marido, Nader, preocupado com o pai, doente com Alzheimer, incapaz de o abandonar. Quando os conhecemos, Nader e Simin estão à beira de ruptura, portanto. E ela a iniciar o pedido de divórcio nos tribunais, a quem entrega o caso para análise. A casa onde o casal habita, décor que também não corresponde à experiência do que é "um filme iraniano", faz figura de espaço de cerco. Toda a gente pode ver toda a gente aqui, como uma "janela indiscreta" debruçada para os interiores. Vale isto para dizer que a classe média iraniana está sob pressão?

"Não tenho a pretensão de fazer um filme sobre a sociedade iraniana. Tive a pretensão de fazer um filme. Não é boa ideia ver os filmes iranianos sempre sob um ângulo político, como se contassem sempre algo sobre o Irão; nem todos os filmes têm de o fazer", começa por responder o realizador, e isso, essa reserva, a distância, não são mesmo uma primeira vez em termos de declarações públicas de realizadores iranianos. (O que não quer dizer que não seja cirúrgico a apontar algo que tem distorcido, como uma lente intromissora, a relação entre um espectador ocidental e o cinema que vem do Irão.) "Mas é justo", prossegue, "pensar que a classe média iraniana está sob pressão, económica e não só, porque deve sentir a falta de liberdade".

Quanto à casa, o cineasta procurou-a durante muito tempo. "Devia ter duas características. Uma delas é que se devia sentir que a personagem do avô [o pai de Nader] tinha vivido ali durante muito tempo. Ao mesmo tempo era necessário que os acessórios fossem modernos, porque uma nova geração aí se tinha instalado. Por exemplo, na cozinha, se repararem, há um velho frigorífico e um frigorífico moderno. Tive sorte porque encontrei uma casa vazia e era essa casa que queria. Com pequenas mudanças comecei a mobilá-la." A casa foi usada como espaço de ensaios muito antes das filmagens, e aos actores, ao pai, à mãe e à adolescente desta família, foi solicitado que passassem ali o maior tempo possível, que a decorassem como quisessem, que fizessem dela o seu espaço.

Uma mancha

Há um momento em que o jogo de olhares se intensifica, em que a pressão sobre a família aumenta: um incidente vai colocar Simin e Nader em confronto com outro casal, Razieh e Houjat. Dinheiro e cosmopolitismo urbano ali, precariedade económica e suburbana e submissão religiosa aqui. É daqueles incidentes - Nader empurrou Razieh, que tomava conta do seu pai, furioso por considerar que ela fôra negligente; ela, grávida, caiu nas escadas e agora acusa-o de ser responsável pelo aborto - cujos contornos perdem a definição. Como uma mancha que se agiganta. Como se o toque entre sectores de uma sociedade que não se tocam habitualmente, que não se vêem, estivesse inquinado pelo desconhecimento, pela desconfiança - em "About Elly" (2009), anterior filme do realizador, o desaparecimento da personagem cujo nome ensombra o título leva à ruptura entre um grupo de amigos em férias na praia. Faz sentido considerar, vendo a filmografia do cineasta, que é com as angústias da classe média - a pressão que sobre ela se exerce - que Farhadi pode começar por se interessar. E por personagens femininas, sempre mais fortes do que os homens. Aliás, diz-nos isto, ainda referindo-se ao plano inicial em que a mulher declara que se quer ir embora do Irão (atenção, podem evaporar-se aqui mais preconceitos): "Quando escrevo um filme e falo das minhas personagens, não as classifico segundo o sexo. É a história que ordena tudo. Neste caso foi assim, não fui eu que decidi. Mas, forçosamente, esta história foi escrita também com o meu inconsciente e é claro que está nele inscrita a história social iraniana. Mas apesar do que as pessoas podem pensar sobre o Irão, acho que as mulheres vão jogar um papel importante no futuro do país. E sobretudo as mulheres da classe média. Pensa-se que elas se habituem rapidamente aos condicionalismos que lhes são impostos, mas acho o contrário: serão elas a mudar as condições de vida no Irão."

O realizador e o cidadão

Insiste, quando o interrogamos sobre a realidade da ficção em "Uma Separação": "A maioria dos divórcios no Irão começa com pedidos das mulheres. Isso é muito realista no filme."

Mas se o olhar de cineasta se pousa sobre a classe média, os seus medos, também suspende qualquer julgamento sobre quem possa fazer figura de invasor, revelador ou intruso. Uma certa generosidade "renoiriana" de querer compreender as razões de todos. "Sou um cidadão mesmo quando faço um filme, não há diferença entre o realizador e o cidadão. É verdade que em momentos de cólera posso dizer 'esta família enerva-me' ou 'identifico-me com aquela', mas quando me acalmo torno-me eu próprio."

Esta disponibilidade é visível, ainda, na forma como são retratados os funcionários da Justiça - por vezes pode levar-nos a perguntar se o olhar do realizador não está afectado por algum angelismo. "Fui muitas vezes aos tribunais, fiz pesquisa. Os juízes e todas as pessoas que se vêem no filme são meros empregados e ganham pouco. E trabalham muito. Na verdade, aquelas personagens são empregados de um sistema, não são eles que julgam. Têm um trabalho difícil. Não tenho grande opinião sobre o sistema judicial iraniano, mas tenho muito respeito por aquelas personagens." Actores em tribunais de cinema: tipicamente iraniano, já agora, foi o "rally" contra a censura.



"Quando escrevo vou a todo o lado, não me censuro. Mas no momento da rodagem, as coisas mudam: há decorações a que não tenho acesso, neste caso os tribunais e instalações do Ministério da Justiça. Tivemos de reconstituir o tribunal num décor neutro, numa escola. Mas foi melhor assim. Controlámos melhor a rodagem. Agradeço, por isso, ao aparelho judicial iraniano por não me ter autorizado a filmar nas instalações porque dessa forma pudemos reconstituir melhor esse aparelho. Para se rodar nas instalações públicas e governamentais, é preciso submeter o argumento [à censura]. E várias coisas teriam de ser mudadas, a personagem não poderia dizer isto e aquilo... Para não comprometer o argumento, optei por não rodar ali."

Como um safanão, esta consciência infernal da existência do outro atira o comboio da separação de um casal para uma outra linha. Para depois, no final, regressar ao ponto de partida. Mas já ninguém é como era. Um círculo infernal, começámos por dizer. E ainda nem falámos da filha de Nader e Simin, em cujo olhar se vão espelhando as (nossas?) dúvidas, inquietações perante o que está a acontecer. No final, ela terá de escolher com qual dos pais quer viver. E esta é a parte da história que vai continuar depois do genérico, o espectador já não estará lá. Ainda assim, perguntámos a Asghar Farhadi: qual será a escolha da filha?

- Tenho numa ideia, não tenho a certeza.
- Mas qual seria?
- Não gostaria de o dizer. Toda a gente vai pensar que teria de ser assim. Tenho apenas uma ideia.
- E qual é a sua ideia?
- E qual é a sua?